

Sumário Executivo

Coordenação Geral

Luiz Augusto Barroso
Thiago V. Barral Ferreira

Coordenação Executiva

Jeferson Borghetti Soares

Equipe técnica:

Aline Moreira Gomes
Camila de Araújo Ferraz
Gustavo Naciff de Andrade
João M. Schneider de Mello
Isabela de Almeida Oliveira
Lidiane de A. Modesto

E-mail:

economia@epe.gov.br

- Perspectiva de **crescimento moderado para a economia mundial** nos próximos anos. Melhor desempenho dos países desenvolvidos e aumento da contribuição de alguns países emergentes para o crescimento econômico mundial, ainda que estes apresentem uma desaceleração do crescimento.
- Entre 2018 e 2032, espera-se que o **PIB mundial cresça em média 3,3 % a.a.**, enquanto o comércio mundial deve crescer 4,4% a.a.
- Contribuição demográfica no PIB brasileiro deve diminuir no horizonte desse estudo. Estima-se que a variação média da população brasileira seja de 0,5% a.a.
- **Aumento no número de domicílios e menor crescimento da população** impactam o número de habitantes por domicílios que reduz de 3,1 em 2018 para 2,7 em 2032.
- O **cenário de referência** se caracteriza pelo **crescimento gradual da produtividade** total da economia, em resposta aos investimentos realizados e às reformas que visem melhorar o ambiente de negócios. Entretanto, **reformas são implementadas de forma parcial**, limitando um maior crescimento da economia. O **PIB brasileiro cresce em média 2,9% a.a.** entre 2018 e 2032.
- Agropecuária cresce 2,7% a.a. puxada pela boa competitividade das commodities agrícolas, enquanto o crescimento da indústria (3,0% a.a.) e dos serviços (2,9% a.a.) estará associado as melhorias no ambiente de negócios e aumento de competitividade.
- No **cenário inferior**, a premissa de **deterioração das contas públicas** eleva o nível de incerteza da economia brasileira, impactando a aprovação das reformas estruturais e a realização dos investimentos. Com isso, espera-se uma **menor produtividade** da economia ao longo dos anos e, consequentemente, um menor crescimento econômico. O **PIB brasileiro cresce em média 2,2% a.a.** entre 2018 e 2032.
- O cenário de maior incerteza e menor produtividade tem impacto sobre as perspectivas dos macrosetores, reduzindo a média de crescimento da agropecuária (2,4% a.a.), indústria (2,2% a.a.) e serviços (2,2% a.a.)
- No **cenário superior**, as **reformas realizadas são mais efetivas**, permitindo um melhor ambiente de negócios e um avanço mais significativo da produtividade. O **PIB brasileiro cresce em média 3,4% a.a.** entre 2018 e 2032.
- A maior competitividade nacional estimulará o avanço na cadeia produtiva para bens de maior valor adicionado. Espera-se um crescimento médio de 3,0% para os setores da agropecuária, 3,5% a.a. da indústria e 3,5% a.a. dos serviços.

Introdução

A evolução do cenário econômico é de suma importância para o planejamento energético, já que a trajetória esperada de crescimento econômico influencia diretamente as expectativas de consumo energético, impactando a estratégia de expansão da oferta de energia.

Após um período conturbado, a economia brasileira passa por uma recuperação gradual. No entanto, sempre há riscos e incertezas no ambiente global e doméstico que podem comprometer ou até mesmo beneficiar tanto o cenário econômico de curto quanto de médio e longo prazo.

Sendo assim, o Caderno de Economia visa apresentar algumas das possíveis trajetórias de crescimento econômico para o período compreendido entre 2018 e 2032, bem como as premissas necessárias para alcançá-las. Com isso, a EPE traz as referências que devem balizar os próximos estudos de planejamento energético.

Neste trabalho, serão apresentados três cenários – um de referência e dois alternativos, sendo um inferior e outro superior - a fim de mapear oportunidades e desafios para a economia brasileira no médio prazo. A escolha por três cenários foi motivada pelo alto grau de incerteza em relação à evolução da economia brasileira nos próximos anos. É importante ressaltar que estes cenários não são exaustivos, já que a depender de como os riscos e oportunidades forem administrados, a economia brasileira pode apresentar diferentes trajetórias de crescimento econômico.

A partir de um único conjunto de premissas demográficas e para a economia mundial, será analisado o comportamento dos principais indicadores macroeconômicos, bem como a evolução setorial esperada para o horizonte considerado em cada um dos cenários.

Esse estudo será dividido em cinco partes. A primeira seção consiste em uma síntese da conjuntura doméstica e internacional, a segunda trata das premissas gerais de demografia e cenário mundial comuns aos três cenários. Por fim, nas últimas três seções são descritos os cenários econômicos para os próximos quinze anos. Além disso, há dois boxes que analisam as perspectivas para os preços de *commodities* e a evolução histórica recente da indústria brasileira e os seus principais desafios.

Conjuntura Econômica

Após dois anos de recessão, a economia brasileira passa por um processo de retomada em decorrência de bons resultados dos indicadores internos, mas também de um melhor desempenho da economia mundial. Diante disso, antes de discutir o ambiente doméstico, é necessário entender o que vem acontecendo no cenário global.

A economia mundial vem apresentando resultados positivos com um ambiente de elevada liquidez, maior crescimento dos países desenvolvidos e recuperação de importantes economias emergentes, o que impactou positivamente o comércio mundial.

Os Estados Unidos tem mostrado crescimento significativo, com destaque para os investimentos privados. Com o melhor ritmo da atividade econômica, o FED continua com o processo de normalização da política monetária, aumentando gradativamente a taxa de juros.

A União Europeia apresentou uma recuperação mais rápida que a esperada para o ano, com um crescimento mais disseminado entre os países membros em virtude de um desempenho melhor da demanda tanto interna quanto externa.

A China cresceu em 2017 a uma taxa superior à meta do governo chinês, mostrando que ainda apresenta vigor para continuar crescendo a taxas elevadas, mesmo que haja um arrefecimento do crescimento em virtude de o país estar passando por uma gradual transição de uma economia com forte peso da indústria.

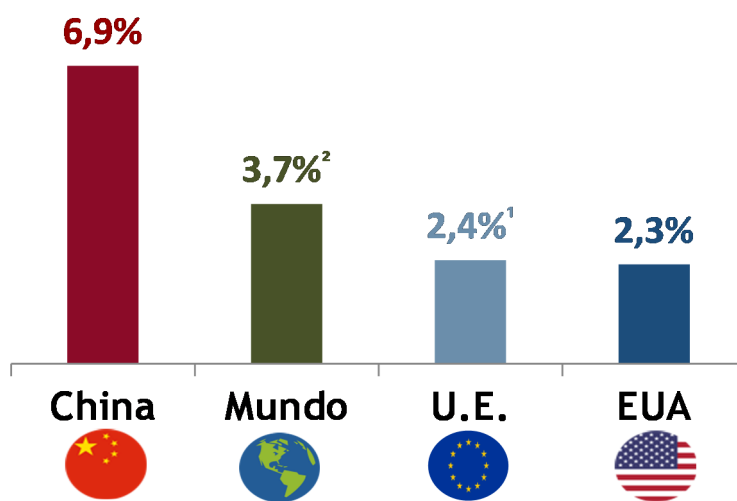
Esse cenário internacional benigno certamente beneficiou o desempenho da economia brasileira ao longo de 2017, entretanto, é importante analisar também os fatores internos que explicam o porquê das projeções de crescimento do PIB terem sido ajustadas para cima, conforme pode ser visto na Figura 2.

Em termos de resultados, as Contas Nacionais do terceiro trimestre mostraram que, até setembro, o PIB acumulou 0,6% de crescimento.

Pelo lado da oferta, o destaque foi a agropecuária que apresentou crescimento acumulado de 14,5%, em virtude da safra recorde no primeiro trimestre de 2017. Por outro lado, os setores industrial e de serviços continuam acumulando resultado negativo no ano (-0,9% e -0,2%, respectivamente).

Apesar disso, é importante destacar que se observa uma suave reversão no comportamento desses dois últimos setores. Ambos apresentaram crescimento na comparação contra o mesmo período do ano anterior, o primeiro resultado positivo após diversos trimestres em queda.

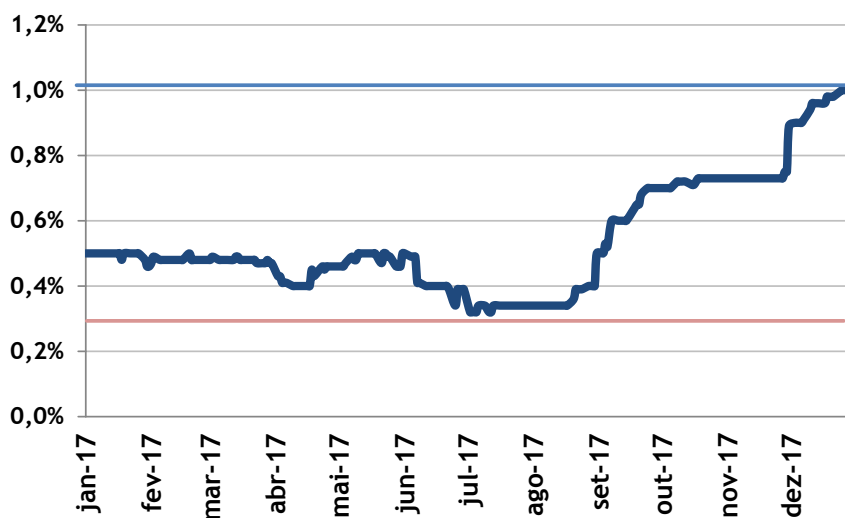
Figura 1 – Crescimento do PIB das principais economias



1- Projeção do FMI em jan/18. / 2- Projeção do FMI em out/17.

Fonte: FMI, National Bureau of Statistics of China e Bureau of Economic Analysis.

Figura 2 – Evolução da mediana das projeções do mercado para o PIB de 2017 (%)

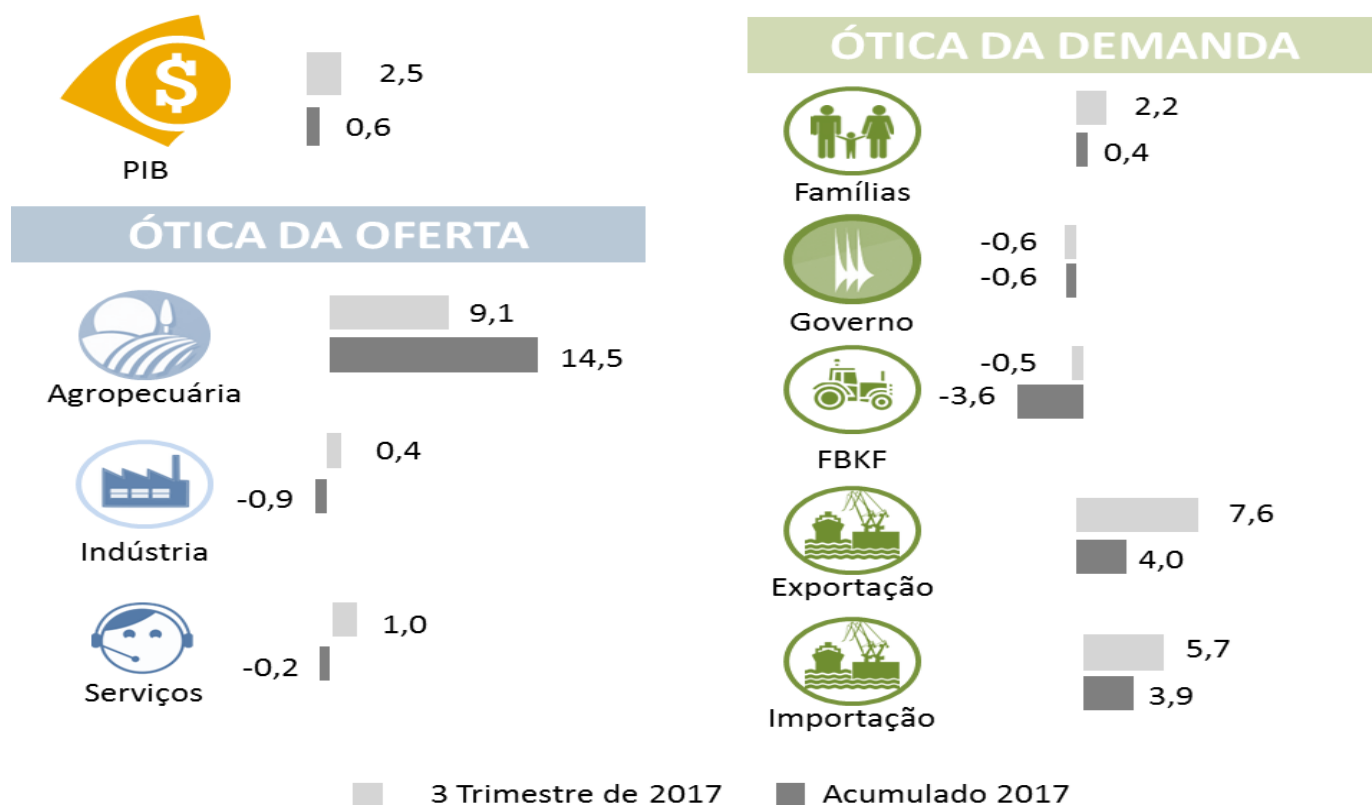


Fonte: Boletim Focus - BCB.

No caso de serviços, o crescimento de 1,0% foi puxado, principalmente, pelo bom resultado de comércio (3,8%).

Em relação à indústria, observam-se movimentos opostos. De um lado, as indústrias extrativa e de produção e distribuição de eletricidade e gás, água, esgoto e limpeza urbana vêm apresentado resultados positivos ao longo do ano, enquanto a indústria de construção civil continua apresentando queda em todas as comparações. A indústria de transformação, que vinha apresentando resultado negativo na comparação trimestral desde 2014, cresceu 2,4% no terceiro trimestre de 2017, acumulando crescimento suave no ano.

Figura 3 – Contas Nacionais Trimestrais - 3º Trimestre de 2017



Pela ótica da demanda, os destaques foram o consumo das famílias, que acumulou até o trimestre em questão 0,4% de crescimento e a formação bruta de capital fixo que voltou a crescer na margem¹.

A recuperação da demanda interna se deu por melhorias em condicionantes internos. Dentre os fatos que podem ter contribuído para esse melhor desempenho, estão a redução da inflação que possibilitou uma elevação do poder aquisitivo e a redução da taxa de juros – Selic – pela autoridade monetária.

O mercado de crédito mostrou bom desempenho, sobretudo no que diz respeito à pessoa física. Além disso, o endividamento das famílias vem apresentando uma trajetória de queda, o que pode explicar a tomada de novos créditos.

Outro fator positivo para a demanda interna é a recuperação, ainda que gradual, do mercado de trabalho, puxada pelo aumento da ocupação do segmento informal da economia e trabalhadores por conta própria.

Diante do contexto mais positivo, a expectativa é de continuidade dessa recuperação ao longo dos próximos anos, conforme poderá ser visto com mais detalhes mais à frente.

¹- A última taxa positiva de crescimento da formação bruta de capital fixo na margem foi no terceiro trimestre de 2013.

Cenários para os próximos quinze anos

Nesta seção são detalhados os cenários econômicos utilizados para subsidiar o planejamento energético para o período 2018-2032. Há que se considerar que a conjuntura internacional e nacional está repleta de elementos que elevam a incerteza acerca das possíveis trajetórias de crescimento econômico ao longo dos próximos anos. Entretanto, optou-se por descrever um cenário considerado o de maior probabilidade, denominado de cenário de referência, e os outros dois cenários – inferior e superior - onde são consideradas as premissas que justificam a trajetória de crescimento econômico alcançada em cada um deles. Em cada um dos cenários são analisados os condicionantes e restrições para sua concretização e, posteriormente, seus desdobramentos para os setores da economia.

Premissas gerais para os cenários

Ainda que os cenários econômicos descritos neste estudo apresentem importantes diferenças entre eles, ambos partem de premissas em comum relativas ao comportamento da economia mundial e à evolução da população brasileira que serão descritas a seguir.

Economia Mundial

Em linhas gerais, a perspectiva é de crescimento moderado para a economia mundial nos próximos anos. No curto prazo, espera-se a continuidade do ciclo positivo de crescimento observado nos últimos dois anos. Entretanto, segundo o Banco Mundial (2018), a queda do crescimento dos investimentos e da produtividade nos últimos cinco anos pode limitar o crescimento do PIB potencial.

Assim, espera-se que os países desenvolvidos apresentem crescimento moderado, limitado em parte pela mudança demográfica que faz com que haja restrições no estoque de força de trabalho. Já para os emergentes, a expectativa é de que as taxas de crescimento desacelerem à medida que os países alcançarem um padrão maior de desenvolvimento. Entretanto, é importante frisar que estes ainda terão contribuição importante para o crescimento mundial.

A partir dessa abordagem mais geral sobre o comportamento dos grupos de países nos próximos anos, a seguir serão destacadas algumas das principais economias – Estados Unidos, União Europeia e China.

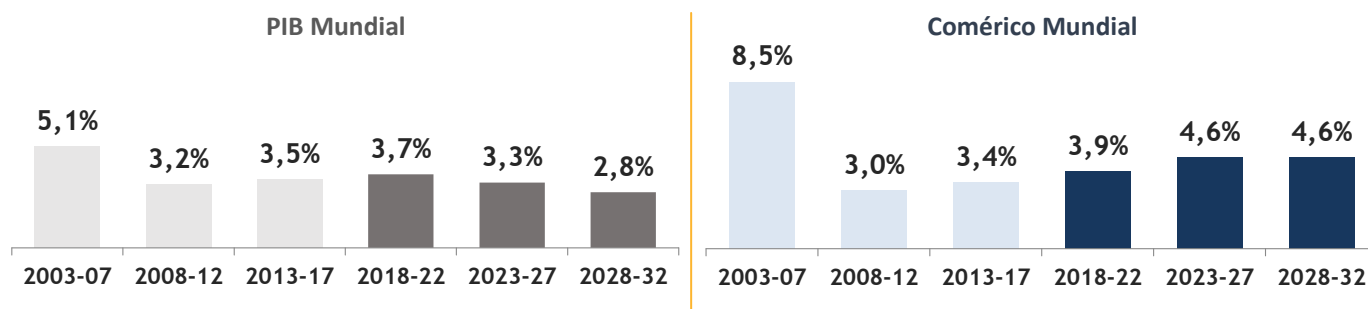
A reforma tributária em curso nos Estados Unidos deve gerar um estímulo positivo sobre a atividade norte-americana nos anos iniciais, à medida que a redução da tributação estimule novos investimentos. No longo prazo, a menor oferta de mão de obra e a redução da produtividade devem limitar o crescimento econômico. Espera-se que haja continuidade da normalização da política monetária com aumento gradual da taxa de juros americana, não gerando grandes impactos sobre as moedas dos emergentes.

Para a União Europeia, espera-se continuidade de um crescimento gradual e mais disseminado entre os países membros, convergindo no médio prazo para o seu PIB potencial.

A economia chinesa passa por um processo de transição, com o objetivo de estimular o consumo das famílias e o setor de serviços em detrimento dos investimentos e da indústria. No horizonte considerado neste estudo, a perspectiva é de uma desaceleração suave da economia em resposta às mudanças necessárias para alcançar esse novo padrão de crescimento econômico. Tais mudanças podem gerar impactos sobre os preços internacionais das *commodities* e, conseqüentemente, sobre a balança comercial de diversos países, incluindo o Brasil.

Diante dessa breve análise, a expectativa é que o PIB e o comércio mundial apresentem as trajetórias da Figura 4.

Figura 4 – Evolução esperada para as taxas de crescimento do PIB e comércio mundial



Fonte: FMI (histórico e projeção até 2022), EPE (projeção 2022 em diante).

É importante ressaltar que à medida que se acelere o nível de atividade mundial, aumentam os riscos de uma reversão da política monetária com uma elevação significativa dos juros em diversos países, impactando a economia global, sobretudo os emergentes, que apresentam maior vulnerabilidade externa. Além disso, outro risco importante para o cenário mundial diz respeito a questões relativas a conflitos geopolíticos e refugiados.

Box I - Perspectivas para os preços de *commodities*

O ciclo de expansão econômica brasileira mais recente, ocorrido ao longo dos anos 2000, teve forte influência do desempenho da economia mundial, em especial do crescimento do fluxo comercial e da alta de preços das *commodities*. Com a eclosão da crise mundial em 2008, o arrefecimento do crescimento chinês e as mudanças tecnológicas que surgiram no setor de petróleo, houve reversão da trajetória de preço das *commodities* e questiona-se como será sua evolução ao longo dos próximos anos e a sua contribuição para o crescimento econômico mundial e do Brasil.

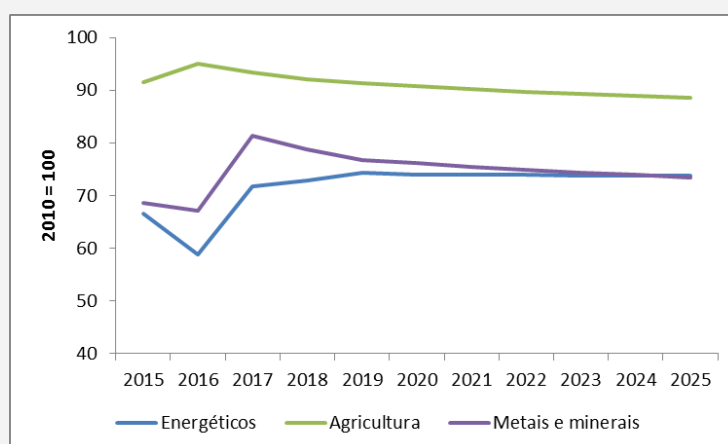
De acordo com o Banco Mundial, em 2018 haverá elevação do preço de *commodities* em relação ao ano anterior, com um aumento mais substancial do preço dos energéticos, enquanto a expectativa para as não-energéticas é de crescimento baixo de tal forma que a queda sofrida em 2017 não é compensada.

Mesmo com a expectativa de um crescimento moderado no curto prazo, o Banco Mundial ainda aponta diversos riscos para a concretização do cenário, entre eles a possibilidade de uma demanda chinesa por metais menor do que a esperada e de conflitos políticos entre os países produtores de petróleo.

No médio e longo prazo, a expectativa é de estabilidade dos preços das *commodities*. Os metais e minerais, por sua vez, apresentam uma variação negativa no período, em virtude da transição do modelo de crescimento da China que tem reduzido a demanda do país por essas *commodities* e do excesso de oferta e estoques que tem limitado a expansão da produção desses produtos. A evolução esperada para os próximos anos pode ser vista na Figura 5.

Dessa forma, segundo as projeções do Banco Mundial, de fato o período do *boom* das *commodities* encerrou-se e, portanto, este não será um fator de estímulo ao comércio mundial e tampouco ao desempenho do setor externo brasileiro.

Figura 5 – Evolução dos preços de *commodities* (Preço índice em US\$ de 2010)



Fonte: Banco Mundial

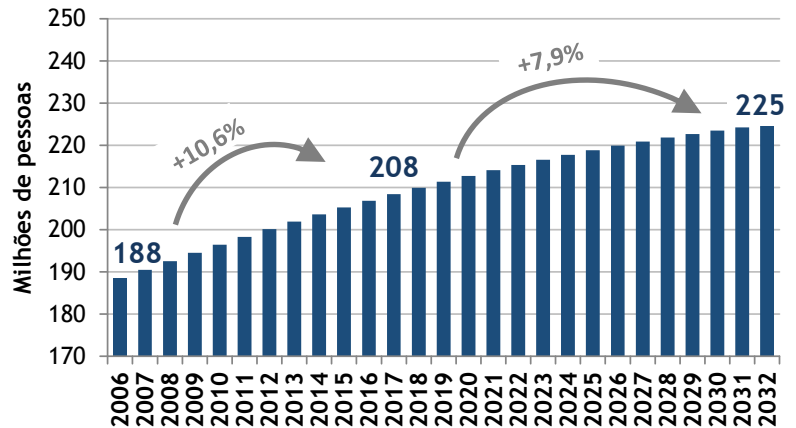
Demografia

Ao longo dos últimos anos, a população brasileira vem crescendo a taxas cada vez menores, tendência que se manterá nos próximos anos. Com isso, espera-se que a contribuição demográfica no PIB diminua no horizonte desse estudo.

No período entre 2018 e 2032 estima-se que a população brasileira cresça a uma taxa média de 0,5% a.a. Com isso, em 2032, o país passará a ter 225 milhões de habitantes, com um acréscimo, no período, de aproximadamente 15 milhões de pessoas, conforme pode ser visto na Figura 6.

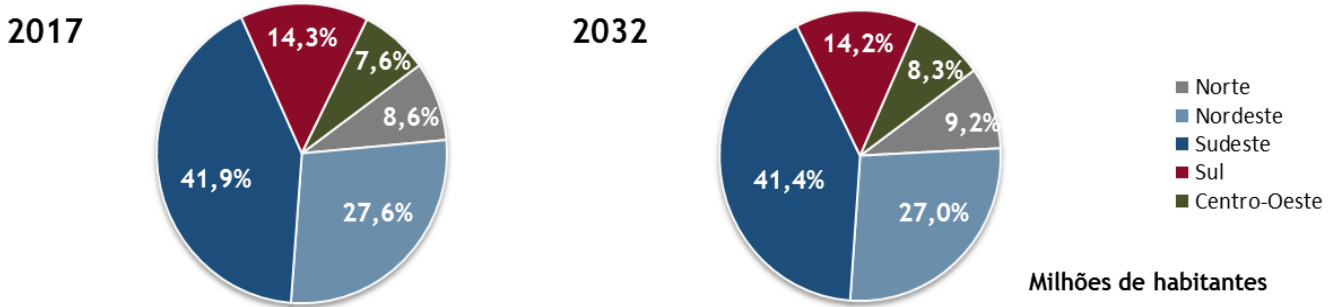
Com relação ao perfil regional da população brasileira, o maior crescimento ocorre nas regiões Norte (0,9%) e Centro-Oeste (1,0%), com variações acima da média nacional (0,5%). Esse crescimento, contudo, não é capaz de induzir a uma mudança significativa na estrutura da população, que continuará fortemente concentrada nas regiões Sudeste (41,4%) e Nordeste (27,0%), como pode ser visto na Figura 7.

Figura 6 – Evolução da população brasileira



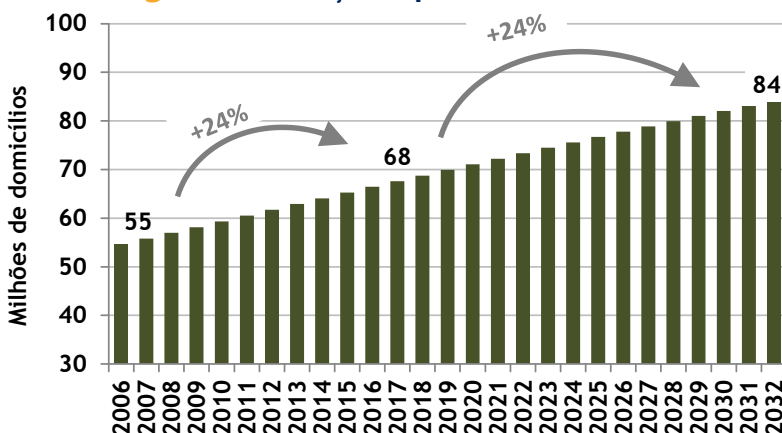
Fonte: IBGE (histórico), EPE (projeção).

Figura 7 – Evolução da população brasileira por região geográfica



Fonte: IBGE (histórico), EPE (projeção).

Figura 8 - Evolução esperada de domicílios



Fonte: IBGE (histórico), EPE (projeção).

O número de domicílios particulares permanentes vem crescendo em todas as regiões do país. Para o período que se estende de 2018 a 2032, espera-se uma continuidade desta trajetória. Conforme pode ser visto na Figura 8, em 2032, a expectativa é de que existam cerca de 84 milhões de domicílios no país, um aumento de 15 milhões em relação a 2018.

Como resultado deste aumento e de um menor crescimento da população, espera-se que ocorra no período uma redução do número de habitantes por domicílios. Projeta-se que em 2018 essa relação seja de 3,1, reduzindo para 2,7 em 2032.

No que se refere à distribuição regional dos domicílios, observa-se um crescimento forte em todas as regiões, em especial na Norte e Centro-Oeste, que apresentarão crescimento acima da média nacional. Com relação à estrutura de participação do número de domicílios no total nacional, verifica-se que eles ainda se mantêm fortemente concentrados nas regiões Sudeste e Nordeste.

Cenário de referência

No cenário de referência, o Brasil apresenta um crescimento econômico moderado, com uma recuperação gradual após a recente crise econômica pela qual o país passou. Neste cenário, a economia brasileira é beneficiada pelo melhor desempenho da economia mundial, inicialmente pela existência de capacidade ociosa e pelo enfrentamento parcial de alguns entraves que atualmente impedem um maior crescimento potencial da economia.

No curto prazo, o país é favorecido pelos efeitos defasados da política monetária praticada ao longo de 2017, que impactará positivamente tanto os investimentos quanto o consumo das famílias. Além disso, a boa performance da economia global deve estimular a indústria, com crescimento, especialmente, dos setores voltados ao mercado externo.

Inicialmente, o crescimento será viabilizado pela alta capacidade ociosa da economia, entretanto, no médio e longo prazo é necessário que o país expanda sua capacidade produtiva através de investimentos em infraestrutura, avanços na qualidade do nível educacional e na qualificação profissional, avanços tecnológicos e melhorias no ambiente de negócios. Com avanço nesses fatores e o aumento da produtividade será possível elevar a competitividade dos produtos nacionais.

Ao longo do horizonte, considera-se um crescimento gradual da produtividade total da economia, em resposta aos investimentos realizados e às reformas que visem melhorar o ambiente de negócios. No que se refere às reformas, espera-se que elas sejam aprovadas, ainda que a dificuldade de tramitação faça com que elas sejam implementadas de forma parcial, limitando um maior crescimento da economia.

Certamente, algumas políticas necessitam de períodos mais longos para gerar efeitos significativos, é o caso dos investimentos em educação e em pesquisa e desenvolvimento, além de medidas que exijam mudança de padrão de comportamento da sociedade.

Como se sabe, a taxa de poupança brasileira é historicamente baixa. Portanto, no horizonte considerado, ainda que se considere uma elevação da poupança, não se descarta a necessidade de captação de poupança externa visando atender os recursos necessários para viabilizar o investimento.

O crescimento econômico, ao longo dos próximos anos, dependerá muito mais dos investimentos, diferentemente do que ocorreu na primeira década deste século, quando o crescimento foi fortemente estimulado pelo consumo. Para isso, é necessário que já nos anos iniciais haja um aumento do grau de confiança dos agentes de forma a assegurar os investimentos necessários para viabilizar o crescimento. A Figura 9 mostra a evolução esperada para os investimentos ao longo dos próximos quinquênios.

Ao longo do horizonte, espera-se que a retomada dos investimentos seja impulsionada, especialmente, pelo setor de infraestrutura, com destaque para as áreas de energia elétrica, mobilidade urbana e transportes, em que terão grande importância as concessões para o setor privado. Tais investimentos são imprescindíveis para um crescimento econômico mais sustentável, pois geram ganhos de produtividade da economia, ampliando o PIB potencial.

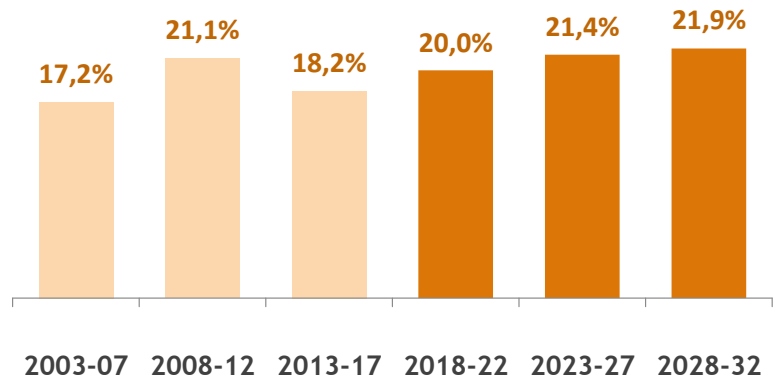
Para que os investimentos sejam viabilizados, contudo, é necessário que haja uma condução eficaz das contas públicas capaz de aumentar a confiança dos agentes na economia brasileira.

Inicialmente, as contas públicas serão conduzidas de forma a retomar o equilíbrio fiscal, após alguns anos seguidos de déficit primário. Com o tempo, o crescimento econômico viabilizará um aumento da arrecadação permitindo a realização de superávits fiscais. Os juros em patamares baixos, justificados pela inflação controlada, levarão a uma trajetória declinante da dívida líquida do setor público, conforme pode ser visto na Figura 10. No fim do horizonte, quando os resultados das contas do setor público estiverem mais favoráveis, será possível flexibilizar as metas a serem alcançadas, reduzindo a necessidade de patamares de poupança pública tão altos.

Com relação ao setor externo, a balança comercial apresentará resultados bastante favoráveis a despeito do maior nível de importações estimulado pelo maior crescimento econômico doméstico. O bom desempenho das exportações no período é produto do crescimento da economia mundial e do aumento da participação do setor de petróleo na pauta exportadora. O setor extrativo se destaca neste período, ainda que a redução das taxas de crescimento da economia chinesa e o patamar mais baixo dos preços de *commodities* impactem as contas externas brasileiras.

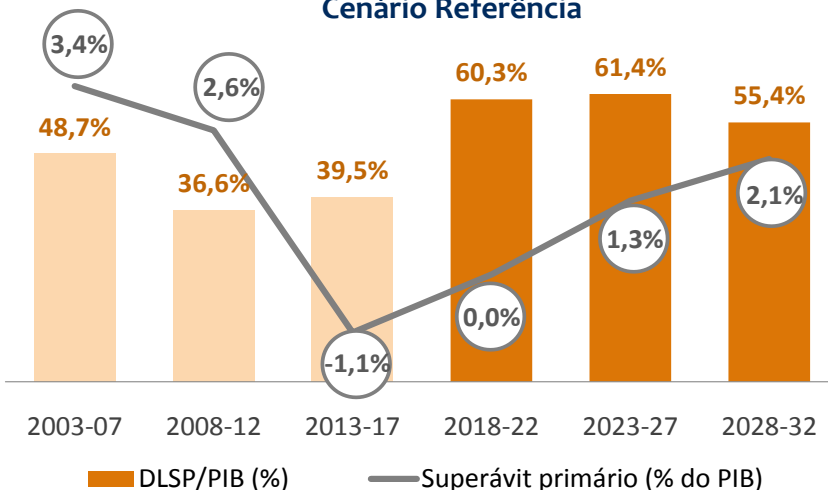
Na conta de transações correntes, a expectativa é de saldo negativo ao longo de todo período, consequência dos déficits crescentes na balança de serviços e rendas. Este resultado, contudo, é sustentável já que haverá entrada de capitais, via investimento direto no país, que deve crescer com maior vigor à medida que a economia brasileira apresente melhores resultados.

Figura 9 – Evolução esperada dos investimentos por quinquênio no cenário de referência (% do PIB)



Fonte: IBGE (histórico), EPE (projeção).

Figura 10 – Evolução dos indicadores de contas públicas no Cenário Referência



Fonte: IBGE (histórico), EPE (projeção).

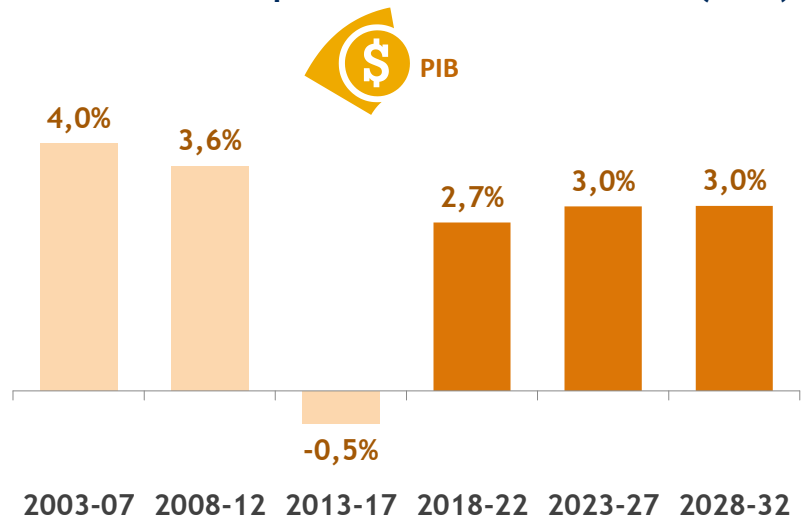
Dessa forma, mesmo considerando as restrições a um crescimento mais vigoroso ao longo da próxima década, na medida do sucesso do enfrentamento de alguns dos fatores que tem inibido o aumento da competitividade, a economia brasileira poderá retomar sua trajetória de crescimento sustentado. Estima-se, uma expansão de 2,9% ao ano, em média, entre 2018 e 2032. A Figura 11 mostra a evolução por quinquênio das taxas de crescimento do PIB neste cenário.

Como resultado do crescimento econômico e considerando a evolução demográfica no período, espera-se que o PIB per

capita brasileiro cresça aproximadamente 2,4% ao ano, em média, ao longo do horizonte. O PIB per capita alcançará um patamar de R\$ 43 mil em 2032, partindo de cerca de R\$ 31 mil em 2018 (preços de 2016).

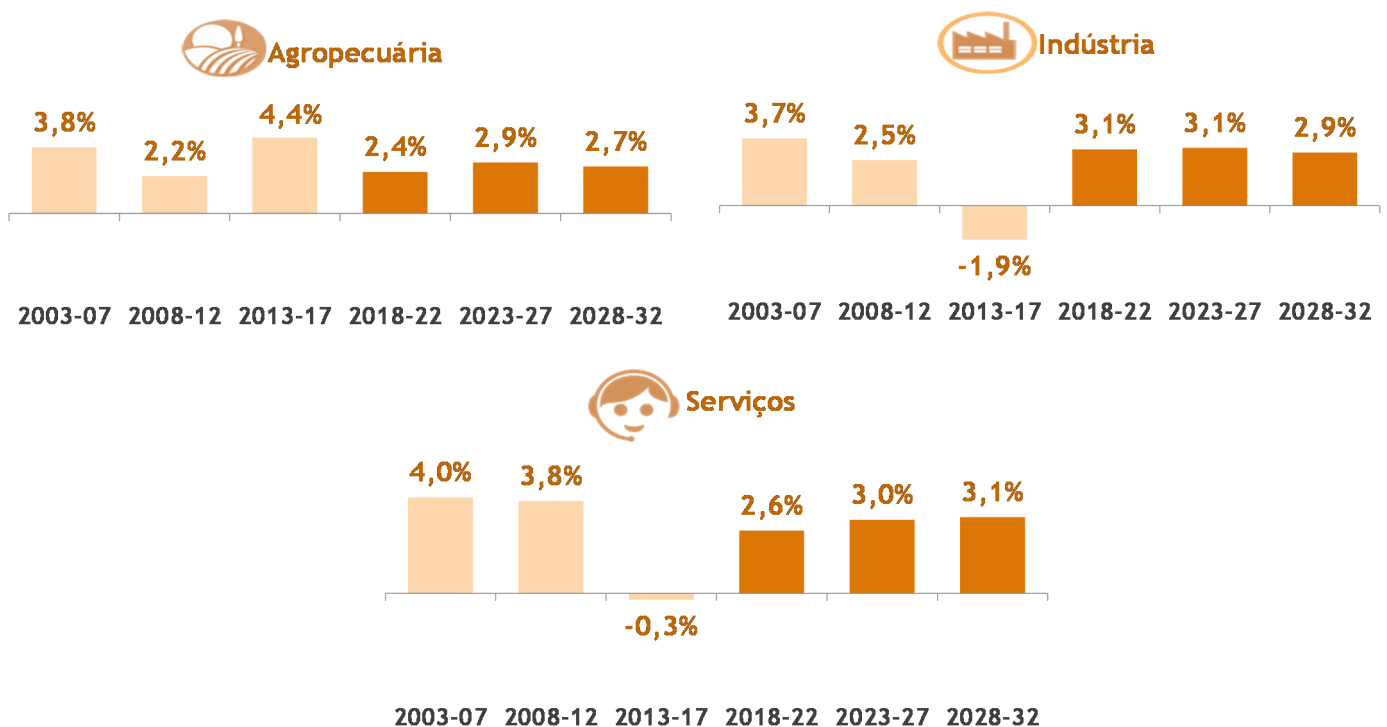
Analisando o crescimento econômico pela ótica da oferta, observa-se que o processo de retomada econômica, que vem se iniciando lentamente, permitirá um crescimento mais robusto dos setores da indústria de transformação e de serviços no início do horizonte, enquanto a indústria de construção civil demorará mais a retomar. Os setores voltados para exportação, como agropecuária e indústria extrativa serão beneficiados pelo crescimento mundial, expandindo-se no horizonte.

Figura 11 – Evolução das médias das taxas de crescimento do PIB nacional esperadas no Cenário Referência (% a.a.)



Fonte: IBGE (histórico), EPE (projeção).

Figura 12 – Evolução das médias das taxas de crescimento (em termos de VA) dos macrossetores esperadas no Cenário Referência (% a.a.)



Fonte: IBGE (histórico), EPE (projeção).

O setor agropecuário possui boas perspectivas em função da alta competitividade das *commodities* agrícolas brasileiras no mercado internacional. O país dispõe de grande quantidade de terra e boa produtividade, sendo capaz de atender à expansão da demanda mundial de alimentos e alguns bioenergéticos (como etanol e biodiesel).

Segundo o relatório do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA, 2017) para os próximos dez anos, há expectativa de expansão da produção do complexo de soja, principal produto da pauta exportadora brasileira, com crescimento da produção de soja em grãos (30%), farelo (20%) e de óleo de soja (24%). Destaca-se ainda o crescimento de outras culturas importantes, como a produção de milho (27,9%), de café (22,1%), de carne bovina (20,5%).

Dessa forma, espera-se que o setor cresça 2,7% a.a.² entre 2018 e 2032. Cabe mencionar que essa média inclui o crescimento nulo esperado para 2018, bastante influenciado pela base de comparação de um crescimento estimado de 12,5% em 2017, resultado da safra recorde de grãos (MAPA, 2017).

Em relação à indústria, esta deverá apresentar maior dinamismo, crescendo a uma taxa média de 3,0% a.a. no horizonte. No curto prazo, o excesso de capacidade ociosa na indústria de transformação, que hoje chega a 25%³, permitirá ao setor atender à retomada da demanda interna sem necessidade de grandes investimentos no início do horizonte, expandindo a produção rapidamente. O setor também será beneficiado pelos efeitos sobre a demanda da redução da taxa básica de juros ocorrida nos últimos meses, que possui um efeito defasado sobre a economia real.

O setor de construção civil deverá retomar mais lentamente, sobretudo o setor de construção imobiliária, em função dos altos níveis de estoques imobiliários, do nível ainda elevado de desemprego e das condições de crédito ainda restritivas.

No médio e longo prazo, a mudança esperada no ambiente de negócios, com implantação de reformas visando reduzir os entraves burocráticos e melhorias pontuais na estrutura tributária permitirão o aumento da competitividade de produtos industriais brasileiros. Tais avanços estimularão a produção bens de maior valor adicionado, embora sem alterações profundas da estrutura produtiva.

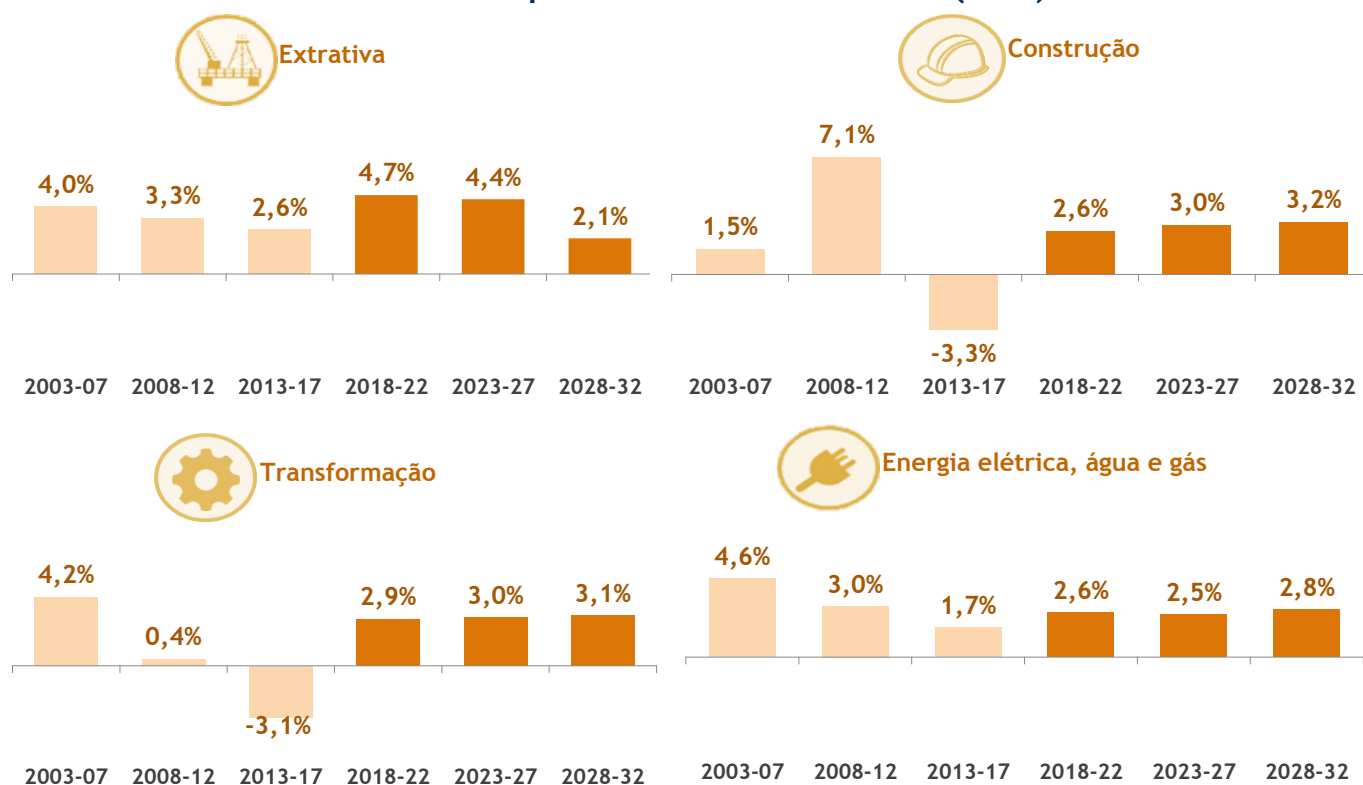
O setor de construção apresenta grande potencial de crescimento nesse período em função dos investimentos em infraestrutura decorrentes dos programas de concessão, especialmente os relacionados à energia e transporte. Além disso, o crescimento da população exigirá importantes investimentos na redução do *déficit* habitacional e de saneamento básico. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD, 2014), o Brasil fica abaixo dos padrões internacionais quando se considera o acesso à água tratada (apenas 85% dos municípios têm acesso) e esgotamento sanitário (apenas 57,2% dos domicílios possuem).

Cabe mencionar que ao longo de todo o horizonte espera-se crescimento para o setor de indústria extrativa. O setor possui boa competitividade no mercado internacional e há perspectivas de crescimento da demanda por essas *commodities*, especialmente de minério de ferro e petróleo, principalmente quando se considera o aquecimento dos mercados nos EUA e na Europa, e que a China continuará crescendo a altas taxas, embora em um ritmo menor que o anterior.

²- Em termos de taxa de crescimento do Valor Adicionado a preços básicos, preços fixos de 2010.

³- Segundo o indicador da FGV do Nível de Utilização da Capacidade Instalada da Indústria (NUCI), de janeiro de 2018.

Figura 13 – Evolução das médias das taxas de crescimento (em termos de VA) dos grandes setores industriais esperadas no Cenário Referência (% a.a.)



Fonte: IBGE (histórico), EPE (projeção).

Para o setor de serviços, projeta-se um crescimento médio de 2,9% a.a., bem abaixo da taxa média observada antes da crise (3,4% entre 2000 e 2014). Apesar de ter apresentado forte crescimento nas últimas décadas, o setor no Brasil ainda é caracterizado pelo predomínio de atividades de baixa produtividade, baixos salários médios, baixo conteúdo tecnológico e baixa inovação (ARBACHE, 2015). Além disso, pode ser considerado um setor “fechado”, uma vez que a maior parte das atividades são não-comercializáveis internacionalmente (*non tradables*), sendo fortemente dependente da demanda doméstica.

No curto prazo, espera-se que o reaquecimento da economia possibilite uma retomada gradual, especialmente nos setores de comércio e transporte, os quais possuem maior relação com o ciclo econômico. A redução do desemprego, das taxas de juros e da incerteza nos primeiros anos do horizonte permitirão um crescimento do consumo, embora não se espere que atinja o patamar observado nos anos anteriores à crise.

Para o longo prazo, as perspectivas são de que as reformas implementadas para melhoria da competitividade nacional e redução dos custos burocráticos estimule uma evolução na direção de atividades de maior valor adicionado, ainda que isso ocorra em um ritmo abaixo do desejável.

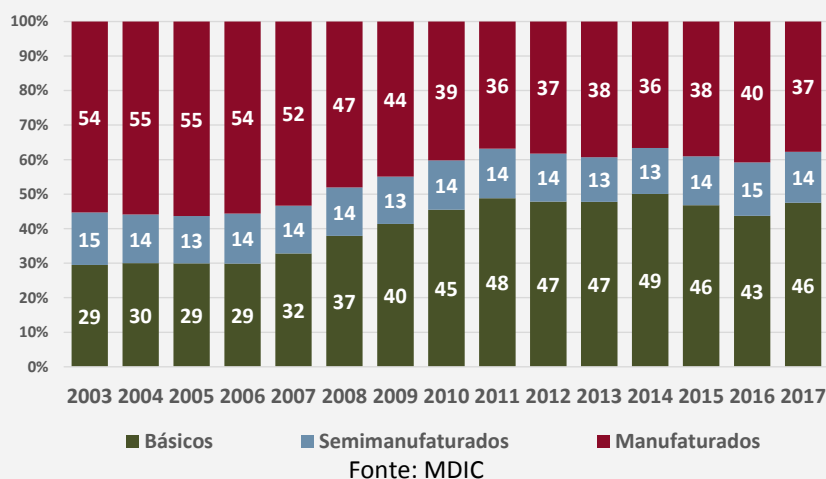
Box II - Desafios para a indústria

A indústria foi o setor mais impactado pela profunda crise econômica iniciada em 2014. Segundo dados das Contas Nacionais, o setor de transformação atingiu no final de 2016 o mesmo nível de atividade do último trimestre de 2003. A construção civil, por sua vez, retornou ao nível de oito anos atrás. A reação mais acentuada da indústria em tempos de crise é esperada, tendo em vista a reversão das expectativas e a consequente redução do consumo e dos investimentos. Porém, a dimensão desses impactos em alguns setores da indústria expuseram algumas vulnerabilidades da economia brasileira.

Um dos agravantes é o perfil primário da pauta exportadora do país, com grande participação de *commodities* agrícolas, minerais e energética. Nos últimos 15 anos, segundo MDIC, os produtos básicos responderam em média por 40% da pauta de exportação do país (em US\$ FOB). Apenas as *commodities* de óleos brutos de petróleo, minério de ferro e soja (grão e farelo) ocuparam, em 2016, 27% das exportações. Além disso, a participação dos produtos básicos vem crescendo, em detrimento dos manufaturados, o que pode indicar uma primarização da estrutura produtiva brasileira.

Na prática, isso significa que o equilíbrio das contas nacionais, câmbio, preços e a competitividade da indústria como um todo são vulneráveis em relação às cotações internacionais de poucas *commodities* primárias. Assim como a própria arrecadação das esferas de governo, como é o caso evidente do petróleo, mas também dos impostos sobre os lucros e atividade das empresas produtoras de *commodities*.

Figura 14 – Evolução da pauta de exportações brasileiras (%)



Além disso, questiona-se a maior dependência de importantes setores da indústria de incentivos do governo federal, seja pela via tributária ou do crédito. O setor automotivo, por exemplo, cuja cadeia de produção é muito dinâmica, com reflexos em diversos setores da indústria de transformação, beneficiou-se de ambas as políticas, contando com a redução de impostos, como o imposto sobre produtos industrializados (IPI) e a criação de linhas de crédito especiais pelos bancos públicos. Com o fim da redução do IPI, em 2015, a produção de veículos leves caiu 27%, segundo a Anfavea. Cabe ressaltar que isto ocorreu em um momento de crise que afetou fortemente a demanda e, portanto, não há como afirmar qual seria o comportamento das vendas caso não houvesse tal benefício.

Para a indústria atingir uma trajetória de crescimento sustentável no longo prazo e com agregação de valor, algumas lições precisam ser aprendidas. O aproveitamento dos amplos recursos naturais disponíveis no Brasil não deve ser evitado, mas ele deve ocorrer em conjunto com uma agenda de competitividade. É preciso reduzir gargalos de infraestrutura, eliminar a complexidade tributária, elevar a capacitação da mão de obra e sua produtividade, além, é claro, de garantir previsibilidade do ambiente de negócio.

O Estado, por sua vez, precisa ser capaz de articular políticas industriais eficientes. Isso significa promover programas com escopo bem definido, integrados com os *stakeholders*, em diálogo com a sociedade e com métricas claras de avaliação dos resultados.

Cenários alternativos

A seguir serão apresentados os cenários construídos alternativos ao referencial. Os dois cenários, superior e inferior, buscam mapear possíveis oportunidades e desafios para a economia brasileira no médio prazo, frente ao alto grau de incerteza no atual momento.

Importa notar que estes cenários serão descritos de forma mais sucinta que o referencial. No entanto ao final da seção descritiva estão compiladas tabelas que permitem ao leitor comparar as principais variáveis para todos os cenários.

Cenário Superior

Ainda que o cenário superior assuma as mesmas premissas demográficas e de economia mundial que o cenário referencial, o primeiro considera premissas mais ambiciosas para o ambiente doméstico, permitindo um crescimento econômico mais forte ao longo do horizonte de quinze anos.

Neste cenário, espera-se que reformas importantes sejam realizadas, permitindo um ambiente de negócios mais atrativo e um avanço mais significativo da produtividade. Uma das principais reformas consideradas é a tributária, que simplificará o sistema tributário brasileiro com o objetivo de reduzir distorções e tornar o sistema mais eficiente e mais eficaz.

Com um cenário internacional benigno e um melhor ambiente interno, a perspectiva é que haja uma queda mais acentuada dos juros domésticos, possibilitada pela inflação no centro da meta ao longo do horizonte, o que tende a estimular o consumo das famílias e novos investimentos. Somado isso ao ritmo de crescimento forte da produtividade, a expectativa é que o PIB cresça, em média, 3,4% a.a. no período 2018-2032. A Figura 15 mostra a evolução do PIB para cada um dos cenários.

Cenário Inferior

Este cenário, diferentemente dos outros dois, tem como uma das principais premissas uma maior instabilidade com dificuldades por parte do governo em apresentar superávits primários significativos a ponto de reduzir a relação dívida/PIB já na primeira metade do horizonte temporal considerado.

Esse ambiente de maior incerteza impactará na aprovação de reformas estruturais, fazendo com que estas não sejam aprovadas integralmente com resultados aquém do desejável, o que restringe seus impactos potenciais na economia.

Tais fatos acabam por impactar a confiança dos agentes, criando uma maior resistência na realização de investimentos, sobretudo naqueles relacionados à infraestrutura. Dessa forma, espera-se que tais investimentos demorem mais a se concretizar, postergando também os ganhos de produtividade advindos destes. Neste cenário, os investimentos totais só ultrapassam o patamar de 20% do PIB no último quinquênio.

Cenários alternativos

Cenário Superior

Esse cenário de melhor desempenho da economia brasileira tem impactos positivos sobre as contas públicas, já que com um maior nível de atividade espera-se um crescimento mais forte da arrecadação, permitindo um superávit primário mais forte. Além disso, a redução da taxa de juros permitirá uma queda acentuada da relação dívida líquida/PIB, atingindo 36,5% do PIB em 2032.

Em relação às contas externas, há expectativa de superávits comerciais significativos, já que, ainda que haja um crescimento forte das importações em virtude do maior PIB, a expectativa é que, neste cenário, o País diversifique sua pauta exportadora, passando a exportar produtos de maior valor agregado no fim do horizonte.

Dada a trajetória de crescimento esperada neste cenário e as premissas gerais demográficas, espera-se que o PIB per capita cresça, em média, cerca de 2,9% a.a., chegando a cerca de R\$46,5 mil (preços de 2016) em 2032.

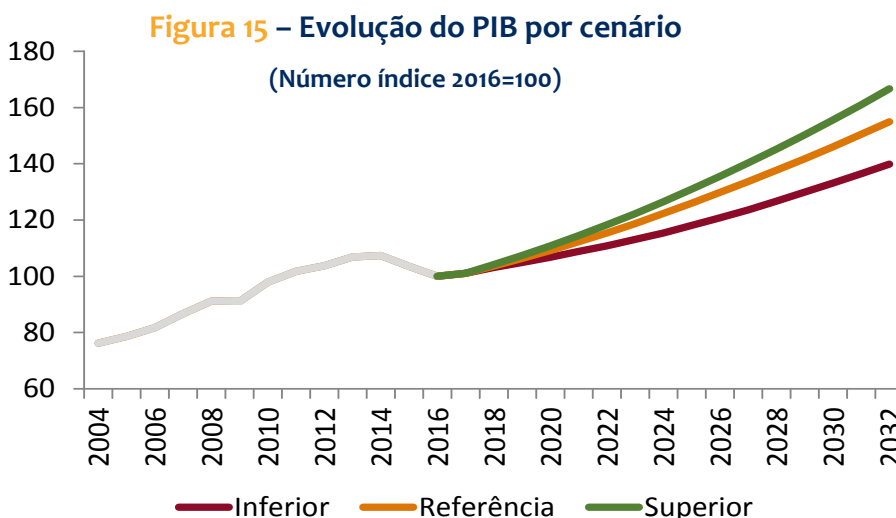
Dado um mesmo cenário mundial, o setor agropecuário terá um impulso adicional em função do aumento da demanda interna e da renda nacional. As reformas atuarão para reduzir custos produtivos associados à logística e à infraestrutura, melhorando a competitividade do setor. A média de crescimento esperada é de 3,0% a.a.

Cenário Inferior

Como resultado de uma menor taxa de investimento e baixo crescimento da produtividade da economia, temos um crescimento médio do PIB de 2,2% a.a. no período 2018-2032, menor que nos outros cenários apresentados anteriormente. Como estão sendo consideradas as mesmas premissas de evolução para a população brasileira, o PIB per capita apresentará um crescimento médio de 1,7% a.a., alcançando o patamar de R\$16,6 mil (preços de 2016) em 2032.

Em relação ao setor externo, o menor crescimento econômico tende a impactar negativamente as importações, levando a superávits consideráveis na balança comercial, já que espera-se que as exportações tenham comportamento semelhante do cenário referência, uma vez que não há alterações nas premissas referentes à economia mundial.

Agropecuária continuará sendo beneficiada pelo cenário internacional, entretanto, a ausência de avanços significativos na resolução de gargalos impede que o setor aumente sua produtividade. O menor nível de demanda doméstica contribui para reduzir a perspectiva de crescimento do setor para 2,4% a.a.



Fonte: IBGE (histórico), EPE (projeção).

Cenários alternativos

Cenário Superior

Espera-se que a indústria cresça a uma média de 3,5% a.a., aproveitando-se das mudanças implementadas no período. Assim como no cenário referência, há perspectiva de crescimento considerável da indústria extrativa nos próximos 15 anos, uma vez que boa parte da produção tem como destino o mercado internacional.

No curto-prazo, o maior crescimento do setor industrial será explicado pela retomada mais rápida e mais intensa da demanda interna, com forte crescimento nos setores de transformação e construção. O aumento do consumo também permitirá uma expansão mais forte do setor de serviços nesse período

No médio e longo prazo, as reformas implementadas lograrão melhorar a competitividade dos produtos industriais nacionais. Espera-se que o melhor ambiente de negócios, maior qualificação profissional, em função dos investimentos em educação, a redução do chamado “custo brasil”, aumente a produtividade e estimule os investimentos na direção de bens industriais de maior valor adicionado ao final do horizonte.

Essas reformas também beneficiarão o setor de serviços. Espera-se que seu perfil migre gradual e lentamente para atividades mais complexas e de qualificação mais elevada, atendendo a novas demandas dos consumidores e das empresas, atuando em conjunto com o setor industrial, em atividades mais a jusante das cadeias de produção, com maior produtividade e competitividade.

Cenário Inferior

O setor industrial apresentará desempenho bem abaixo do cenário referência, crescendo a uma média de 2,2% a.a. Setores voltados para exportação, como indústria extrativa e alguns setores do agronegócio, mostrarão bom desempenho ao longo de todo o horizonte, enquanto os demais apresentarão crescimento mais fraco.

No curto prazo, o menor ritmo de crescimento da demanda interna e menor nível de confiança dos agentes resultarão em uma retomada mais lenta das indústrias de transformação e construção, que ainda operarão com grande nível de capacidade ociosa.

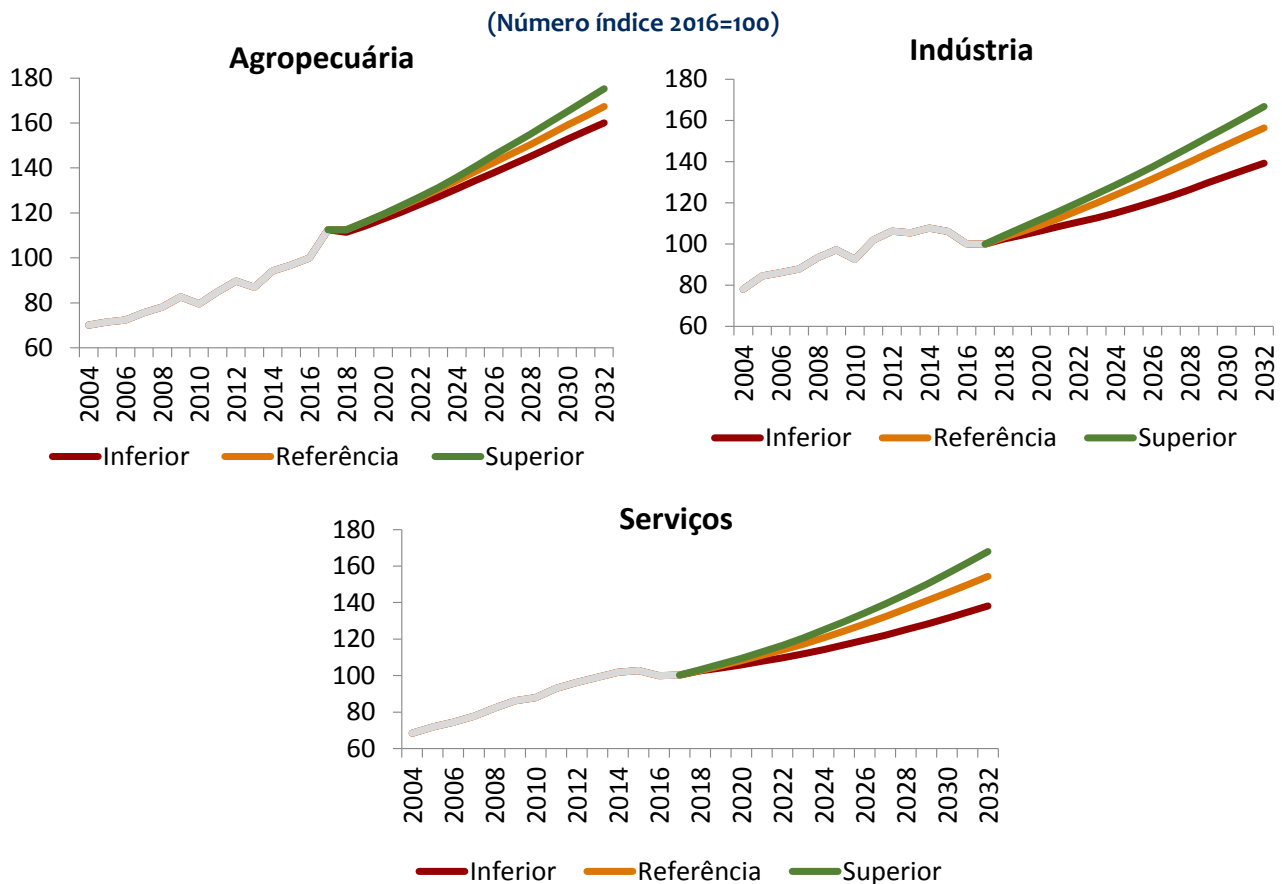
No médio e longo prazo, o cenário de maior instabilidade terá um efeito negativo sobre as decisões de investimento produtivo e em infraestrutura. O adiamento de importantes reformas (desburocratização, melhoria do sistema tributário e investimento em educação) para o final do horizonte impedirão um aumento da competitividade de produtos brasileiros e o avanço na cadeia para bens de maior valor adicionado.

O setor de serviços será afetado pelo menor nível de consumo e menor desempenho do setor industrial, reduzindo a perspectiva de crescimento para 2,2% a.a. As tímidas reformas adotadas não serão suficientes para alterar significativamente a estrutura produtiva na direção de atividades de maior conteúdo tecnológico e científico, permanecendo o predomínio de atividades básicas.

As diferenças em termos do comportamento das principais variáveis econômicas estão sintetizadas nas tabelas em anexo.

Cenários alternativos

Figura 16 – Evolução do valor adicionado dos macrossetores por cenário



Referências bibliográficas

ARBACHE, J. **Produtividade no setor de serviços**. In: NEGRI, F. R; CAVALCANTE, L. R. (orgs.) *Produtividade no Brasil: Desempenho e Determinantes – Vol 2*. Brasília: Ipea, 2015.

BANCO MUNDIAL. **Global Economic Prospects: Broad-Based Upturn, but for How Long?** Washington, DC: January, 2018. .

_____. **Commodity Markets Outlook**. Outubro de 2017.

FMI [Fundo Monetário Internacional]. **World Economic Outlook: Seeking Sustainable Growth: Short-Term Recovery, Long-Term Challenges**. Washington, DC: October, 2017.

_____. **World Economic Outlook Update: Brighter Prospects, Optimistic Markets, Challenges Ahead**. Washington, DC: January, 2018.

IBGE [INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA]. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio 2013**. Rio de Janeiro: IBGE, 2014.

MAPA [Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento]. **Projeções do Agronegócio 2016/2017 a 2026/2027**. Brasília: MAPA, 2017.

Fontes de dados

- BANCO MUNDIAL: <http://www.worldbank.org/en/research/commodity-markets>
- BCB [Banco Central do Brasil]: <http://www.bcb.gov.br>
- BEA [Bureau of Economic Analysis]: <https://www.bea.gov/>
- EIA [U.S. Energy Information Agency]: <http://www.eia.doe.gov>
- FMI [Fundo Monetário Internacional]: <http://www.imf.org>
- IABr [Instituto Aço Brasil]: <http://www.acobrasil.org.br/>
- IBGE [Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística]: <http://www.ibge.gov.br>
- IPEA [Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada]: http://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/wp-content/uploads/2017/02/170208_dados_indicador_ipea_fbcf_dez_16.xlsx
- MDIC [Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior]: <http://www.mdic.gov.br>
- NATIONAL BUREAU OF STATISTICS OF CHINA: <http://www.data.stats.gov.cn>

Anexo: Variáveis econômicas

Cenário Inferior	Inferior			
	2018 - 2022	2023 - 2027	2028 - 2032	2018 - 2032
PIB (% a.a)	1,9	2,2	2,5	2,2
Investimento (% do PIB)	17,7	19,3	21,4	19,7
Produtividade Total dos Fatores (% a.a.)	0,2	0,5	0,7	0,5
Superávit Primário (% do PIB)	-0,3	1,0	1,9	0,9
Dívida Líquida do Setor Público (% do PIB)	62,8	69,1	67,1	66,3
Balança Comercial (US\$ bilhões)	53,0	55,4	26,8	45,1
Transações Correntes (% do PIB)	-1,3	-1,9	-3,1	-2,1
Agropecuária (% a.a)	1,9	2,7	2,5	2,4
Indústria (% a.a)	2,1	2,2	2,5	2,2
Extrativa (% a.a)	4,3	3,0	1,8	3,0
Transformação (% a.a)	1,8	2,1	2,6	2,2
Construção Civil (% a.a)	1,2	1,8	2,9	2,0
Prod. e Dist. De EE, água, gás e limp. Urb. (% a.a)	1,9	1,8	2,4	2,0
Serviços (% a.a)	1,8	2,2	2,5	2,2
Cenário Referência	2018 - 2022	2023 - 2027	2028 - 2032	2018 - 2032
PIB (% a.a)	2,7	3,0	3,0	2,9
Investimento (% do PIB)	20,0	21,4	21,9	21,4
Produtividade Total dos Fatores (% a.a.)	0,4	0,6	1,0	0,7
Superávit Primário (% do PIB)	0,0	1,3	2,1	1,1
Dívida Líquida do Setor Público (% do PIB)	60,3	61,4	55,4	59,0
Balança Comercial (US\$ bilhões)	41,9	45,7	22,0	36,6
Transações Correntes (% do PIB)	-1,9	-2,5	-3,5	-2,6
Agropecuária (% a.a)	2,4	2,9	2,7	2,7
Indústria (% a.a)	3,1	3,1	2,9	3,0
Extrativa (% a.a)	4,7	4,4	2,1	3,7
Transformação (% a.a)	2,9	3,0	3,1	3,0
Construção Civil (% a.a)	2,6	3,0	3,2	2,9
Prod. e Dist. De EE, água, gás e limp. Urb. (% a.a)	2,6	2,5	2,8	2,6
Serviços (% a.a)	2,6	3,0	3,1	2,9
Cenário Superior	2018 - 2022	2023 - 2027	2028 - 2032	2018 - 2032
PIB (% a.a)	3,2	3,5	3,5	3,4
Investimento (% do PIB)	21,2	22,0	22,7	22,2
Produtividade Total dos Fatores (% a.a.)	0,5	0,9	1,2	0,9
Superávit Primário (% do PIB)	0,2	1,8	2,4	1,5
Dívida Líquida do Setor Público (% do PIB)	57,2	52,7	41,6	50,5
Balança Comercial (US\$ bilhões)	33,2	39,7	17,3	30,1
Transações Correntes (% do PIB)	-2,3	-2,7	-3,7	-2,9
Agropecuária (% a.a)	2,5	3,4	3,1	3,0
Indústria (% a.a)	3,8	3,4	3,2	3,5
Extrativa (% a.a)	4,7	4,4	2,1	3,7
Transformação (% a.a)	3,1	3,2	3,4	3,5
Construção Civil (% a.a)	2,2	3,4	3,6	3,5
Prod. e Dist. De EE, água, gás e limp. Urb. (% a.a)	3,0	3,0	3,2	3,1
Serviços (% a.a)	3,0	3,6	3,8	3,5